

DOIS OLHARES: LEITURA FÍLMICA DA IMAGEM DA MULHER NORDESTINA A PARTIR DAS PERSONAGENS SINHÁ VITÓRIA E MACABÉIA

TWO LOOKS: FILMIC READING OF THE IMAGE OF THE NORTHEAST WOMAN FROM THE CHARACTERS SINHÁ VITÓRIA AND MACABÉIA

Tatiane Henrique Sousa Machado¹

MACHADO, T. H. S. Dois olhares: Leitura fílmica da imagem da mulher nordestina a partir das personagens sinhá vitória e macabéia. *Akrópolis* Umuarama, v. 18, n. 4, p. 275-279, out./dez. 2010.

RESUMO: O presente trabalho propõe-se a refletir a respeito da figuração do feminino por meio de duas personagens: Macabéia no filme “A Hora da Estrela”, dirigido por Suzana Amaral, baseado na obra de mesmo nome de Clarice Lispector, e também na figura de Sinhá Vitória presente no filme “Vidas Secas” dirigido por Nelson Pereira, baseado na obra literária de mesmo nome escrita por Graciliano Ramos. Desse modo, objetiva-se discutir o processo de figuração do estereótipo de feminino da “mulher nordestina” no interior dessas obras, mostrando sua configuração e ambiguidades, numa sociedade patriarcal. Para isso, utilizar-se-á como aporte teórico Perrot (1992), Costa (2002) e Falci (2001) dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Macabéia; Sinhá vitória; Estereótipo; Feminino.

¹Professora da Universidade Paranaense – UNIPAR. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (UNIPAN) e Graduada em Letras Português Inglês e Respectivas Literaturas (UNIOESTE).
e-mail:tatiane@unipar.br.

ABSTRACT: This paper proposes to reflect about the figuration of the female through two characters: Macabéia in the movie “A Hora da Estrela,” directed by Suzana Amaral, based on the novel of the same name by Clarice Lispector, and also in figure Sinhá Vitória in the film “Vidas Secas” directed by Nelson Pereira, based on the literary work of same name written by Graciliano Ramos. Thus, the objective is to discuss the process of figuring the female stereotype of “women of the Northeast” within these works, showing its configuration and ambiguities in a patriarchal society. For this, it will use as theoretical Perrot (1992), Costa (2002) and Falci (2001) among others.

KEYWORDS: Macabéia; Sinhá vitória; Stereotype; Female.

Recebido em maio/2010
Aceito em julho/2010

INTRODUÇÃO

Segundo Guimarães (2003) a linguagem fílmica possui elementos básicos organizados da seguinte maneira: o **tempo** caracterizado por meio dos movimentos de montagem (ritmo do conjunto ou da sequência), movimentos de câmera (panorâmicas, *travelling*, etc.) ou pela caracterização do som presente na voz humana, música e nos ruídos. Enquanto a organização de **espaço** é exposta pela luz (enquadramento e profundidade de campo) e pela composição plástica (cores, massas luminosas e cores).

Segundo Silva (1990) o texto fílmico narra frequentemente uma história, uma sequência de eventos ocorridos à determinadas personagens num determinado espaço e num determinado tempo, e por isso mesmo é tão frequente e congenial a sua relação intersemiótica com os textos literários nos quais também se narra ou se representa uma história (p.178).

Assim, o presente artigo discutirá a respeito da figuração do feminino, por meio da personagem Macabéia e Sinhá Vitória personagens dos filmes dirigidos por Suzana Amaral e Nelson Pereira respectivamente, baseados em livros escritos por Clarice Lispector e Graciliano Ramos, observando como adjetivação literária foi transposta para o filme por meio do olhar dos diretores.

Inicialmente vale destacar que no filme dirigido por Suzana Amaral percebeu-se a omissão do narrador-autor presente no livro, optando por ressaltar nos ambientes sujos o estereótipo social de Macabéia, nesse contexto Guidin (1998, p. 92) afirma que “a Macabéia do filme é um outro, um ser estrangeiro para o público e por, isso, exótico, pitoresco, risível, cuja existência está no limite da indulgência social”. Nos momentos em que Suzana Amaral é questionada sobre a fidelidade à obra, essa diretora ressalta que ao ler uma obra, ela a recria e sendo fiel somente ao espírito da obra, ou seja, a sua parte central, ressaltando ainda que o cinema é ação, sendo portanto, necessário ação para expor os sentimentos do personagem.

A figura feminina

A figura feminina no decorrer da história passou e passa por um cerceamento, em virtude da organização da sociedade e dos valores por ela aceitos, assim numa sociedade patriar-

cal, teocêntrica, falocêntrica, a mulher, conforme afirma Soibert (2001) é esperado a manutenção das características que justifiquem a submissão que se exige delas, ou seja, um comportamento que “não maculasse sua honra”.

Na idade Moderna o filósofo Richard Steele (século XVIII) apud Perrot (2002) destaca que a mulher é um “apêndice da raça humana”, considerando-a filha, mãe, esposa, ou seja, sua existência está condicionada aos papéis sociais que executa em relação a uma figura masculina. Portanto, conforme Huffton (2001) “independentemente das suas origens sociais, a partir do momento que nascesse de um casamento legítimo, qualquer rapariga passava a ser definida pela sua relação com o homem”(p.23). No entanto, a questão do poder feminino conforme afirma Perrot (1992, p. 168) é bastante ambígua, já que:

é a idéia muito difundida de que as mulheres puxam os fios dos bastidores, enquanto os pobres homens, como marionetes, mexem-se na cena pública. Inspiradora da decisão política, muitas vezes tomadas “sobre o travesseiro”, a mulher, em si tão pouco criminosa, é a verdadeira instigadora do crime.

Costa (2002) ao estudar a imagem da mulher na arte afirma que:

a figura feminina na arte brasileira surge como uma imagem idealizada, da qual fazem parte atributos diversos, como beleza física, conformação saudável, formas generosas e maternais, um rosto meigo e sorridente, pureza que, quando não revelada pela composição pictórica vinha inscrita nas faixas de latim (...). É como deusa que a mulher faz sua entrada na arte brasileira, uma deusa de grandes poderes, homenageada como esperança de transformação das agruras em felicidade. Uma imagem idealizada que não tem relação com a realidade vivida, mas que desempenha esse grande papel da arte de tornar visíveis os sonhos da humanidade.(p.76)

No entanto, essa mesma autora assevera que essa imagem da mulher sofreu transformações no decorrer da história, pois em períodos entre guerras as mulheres ficaram diante de um novo desafio no trabalho fabril, na participação da vida política e depois numa reconstrução social. No Brasil, segundo essa mesma autora, percebeu-se os primeiros passos das mudanças de comportamento feminino, em virtude da trans-

ferência das famílias do meio rural para o urbano, criando assim novos hábitos e costumes.

A partir do contexto histórico e das situações que o circundavam foram sendo criados estereótipos, que conforme Lippmann (1973) se tratam de um conjunto de imagens de segunda mão, que funcionam como mediadoras da nossa relação com o real, por meio do que nossa cultura define previamente, sendo acionado ao denominarmos automaticamente um objeto, devido a um conjunto de atributos.

Por conseguinte, se constituem como estereótipos femininos: a doçura, a fraqueza física, pois estão intimamente ligados culturalmente a atributos femininos que quando relacionados a figura masculina acionariam um pensamento subversivo de “falta de masculinidade”. Entretanto, cabe ressaltar que para Hall (2000:109), as identidades surgem no interior das “modalidades específicas de poder”, e estão relacionadas como produto da marcação da diferença e da exclusão.

Já em relação a figura da mulher nordestina percebe-se frequentemente o direcionamento a três estereótipos: a mocinha, a mulher que trai e a mulher macho (ALBUQUERQUE, 2003). Todavia, em contraponto a tais figurações nesse estudo serão abordados diferentes retratos que ora confirmam, ora rompem com esses estereótipos, demonstrando os caracteres ambíguos inerentes as figuras Sinhá Vitória e Macabéia.

Sinhá Vitória e Macabéia

Ao se imaginar Sinhá Vitória e Macabéia, personagens femininas importantíssimas no interior da Literatura Brasileira, logo se pode remeter a natureza feminina, e no constante poder coercitivo da sociedade para com a mulher, bem como na figura da mulher na sociedade: como ela se vê; e como é vista no decorrer do tempo e em contextos sociais diferentes.

Desse modo, percebeu-se em contraponto ao pensamento de senso comum dedicado as mulheres que Sinhá Vitória em “Vidas Secas”, personagem do sertão nordestino, região em que o machismo impera, e que é atribuído pouco valor a voz feminina, a encontramos neste período como líder da família. Pois nota-se que Sinhá Vitória é única que conforme o marido (Fabiano) afirma “sabe fazer contas”, mesmo não sendo alfabetizada a personagem demonstra astúcia, conhecimento prático e também liderança, ten-

tando por diversas vezes alertar Fabiano sobre as espertezas do patrão. No entanto, ao mesmo tempo Sinhá Vitória demonstra esse racionalismo em outros divaga em sonhos de melhores condições de vida aos filhos, em contradição ao discurso masculino do continuísmo e de um determinismo pregado por Fabiano. Neste contexto, Falci (2001, p. 242:242) assevera que:

As pobres livres, as lavadeiras (...) as apañadeiras de água nos riachos, as quebradeiras de coco e parteiras, todas essas temos mais dificuldade em conhecer: nenhum bem deixaram após a morte, e seus filhos não abriram inventário, nada escreveram ou falaram de seus anseios, medos, angústias, pois eram analfabetas e tiveram, no seu dia a dia de trabalho, de lutar pela sobrevivência. Se sonharam, para poder sobreviver, não podemos saber.

Assim, pouco se sabe a respeito dos sonhos de Sinhá Vitória, no entanto, pode-se afirmar que a personagem não estava satisfeita com o ciclo que era sua vida, sonhava com os filhos na escola em melhores condições, no entanto, não conseguia estimular o pensamento de Fabiano que se conformava com os filhos vaquejando como ele.

Entretanto, por diversas vezes Sinhá Vitória demonstra o lado guerreiro, batalhador da mulher que coloca em segundo plano seus desejos interiores em favor de uma “causa”, demonstrando, portanto, sentimento de garra e determinação, característica essa renegada a mulher nesse contexto.

Já ao se defrontar com a personagem Macabéia da obra “A Hora da Estrela”, (filme) percebe-se que o processo de industrialização a transportou do nordeste para a grande capital, local no qual a personagem não possui identificação, sobrevivendo e não vivendo, pois tem que conviver com a solidão e com a ausência do seu próprio “eu”, e nesse sentido caracteriza-se como uma alegoria da mulher brasileira.

Percebe-se ainda a faceta de uma mulher desprovida de sua feminilidade, que busca em figuras da cultura de massa uma aproximação com a feminilidade perdida, em virtude das peripécias sofridas na vida desde criança. Macabéia expõe a mulher sem escolaridade, sem astúcia ou liderança, buscando sobreviver num mundo que a mesma não reconhece como pertencente, tendo orgulho de ser virgem, gostar de coca-cola

e cachorro quente, caracterização altamente dependente e caracterizada pelo eurocentrismo.

Além disso, Macabéia vive longe de seu “habitat” e sofre com a falta de identificação com o meio, carregando em seu íntimo o estigma de não se sentir parte de “algo”, pertencente a um lugar a uma família, precisando amparar-se no sonho de casamento para sentir-se “alguém”.

Percebe-se, portanto que Sinhá Vitória, bem como Macabéia, carregam um sentimento de abandono que não é somente físico, mas também existencial, pois buscam sobreviver numa vida que não foi escolhida por elas, mas sim que lhes foi imposta.

Além disso, ao mesmo tempo, também é possível notar o contínuo sonho de mudar, de transpor aquilo que está estabelecido, em favor de uma vida mais próxima ao que elas almejam, direcionando ora este sonho para o casamento (Macabéia) ou numa cama mais confortável e numa casa fixa (Sinhá Vitória).

Sendo assim, entende-se que as ambas partilham de um “vazio”, por no seu íntimo carregarem anseios de mudança, de rompimento com o *status quo*. Por conseguinte, pode-se compreender que Macabéia e Sinhá Vitória representam um pouco do universo feminino, suas escolhas, suas angústias, suas limitações, sua luta ou mesmo sua aceitação as forças externas engendradas por uma sociedade comandada pelo sexo masculino.

Nesse diapasão, Sohn (1991) assevera que:

O estereótipo de mulher, *sacerdotisa do lar* ou *anjo da casa*, cristaliza-se a partir da segunda metade do século XIX, não só na literatura e na arte, mas também nas obras científicas. A exaltação da natureza feminina e da *sacred womanhood* (feminilidade sagrada) serve para definir um estatuto inferior (p.117)

Entretanto, os filmes destacados: “Vidas Secas” e “A Hora da Estrela, os autores desconstroem esse mito de mulher anjo descrito por Sohn (2001), caracterizando-as mais próximas da realidade, cheias de ambiguidades como a própria natureza humana.

Essa ambiguidade pode ser exemplificada no fato de Sinhá Vitória não partilhar do mesmo objetivo do esposo Fabiano, no entanto, a personagem não possui forças para romper com o continuísmo que é a vida da família. Do

mesmo modo, Macabéia vive em São Paulo em busca de uma vida diferente, todavia, quando conhece Olímpico, atribui a esse personagem a possibilidade de ‘ser gente’, desqualificandoa. Desse modo, como afirma Soibert (2001):

A honra da mulher constitui-se em um conceito de sexualidade localizado do qual o homem é o legitimador, uma vez que a honra é atribuída pela ausência do homem, através da virgindade, ou pela presença masculina no casamento. Essa concepção impõe ao gênero feminino o desconhecimento do próprio corpo e abre caminhos para a repressão de sua sexualidade. (p.389)

Fato esse muito presente na personagem Macabéia, que carrega o sentimento de honra devido a sua virgindade e busca na figura masculina uma forma de constituir-se como pessoa.

Assim, percebeu-se que as personagens são marcadas por esse movimento de cerceamento que a sociedade patriarcal impõe a figura feminina, fazendo com que vivam ‘nos bastidores’, pois mesmo possuindo um ideal e sendo propulsoras de sua história, por meio da determinação e da força, essas personagens acabam por serem ‘esmagadas’ por algo que é maior (sua condição de mulher e conseqüente submissão), fazendo com que não logrem êxito em seus desejos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Costa (2002, p. 130) assevera que:

A mulher teve importante participação na formação da sociedade brasileira, como ocorre na maioria das sociedades pioneiras, plantadas em nossas terras por colonizadores. Seu papel na organização produtiva e na geração de uma população nativa faz dela um símbolo privilegiado na formação da identidade e da cultura nacional, por sua presença em situações e contextos os mais diversos.

Portanto, no momento em que se passou a retratar as diversas figuras femininas presentes na sociedade (nordestina ou não), e não somente os modelos estereotipados estabelecidos pela ordem do dia, os autores contribuíram e contribuem no sentido de nos permitir uma aproximação da realidade vivida por essas figuras, no entanto, não se pode esquecer que como sabia-

mente refletiu Clarice Lispector sobre Macabéia 'a essas mulheres nunca foi dado voz', pois em virtude da inacessibilidade ao letramento, pouco se sabe sobre suas vidas numa percepção real dada por elas mesmas.

Assim, mesmo observando a diversidade da arte cinematográfica em relação as obras literárias percebe-se que ambas Sinhá Vitória e Macabéia retratados configuram a dupla natureza do feminino, que demonstra força e mas ao mesmo tempo observa na família e na figura masculina o seu "porto seguro"; renegando assim suas aspersões em detrimento a coerção social. Logo, pode-se constatar que as personagens destacadas neste estudo compreendem e destacam mais poder a família à suas expectativas pessoais.

ria das Mulheres no Ocidente, v. 5).

SOIBERT, R. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: DEL PRIORE, M. **História das mulheres no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Contexto 2001.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **Nordestino**: uma invenção do falo uma história do gênero masculino. Maceió: Catavento, 2003.

COSTA, C. **A imagem da mulher**: um estudo de arte brasileira. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2002.

FALCI, M. K. Mulheres do sertão nordestino. In: DEL PRIORE, M. **História das mulheres no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. (Org.). **Identidade e diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

HUFTON, O. Mulheres, trabalho e família. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres**: do renascimento à idade moderna. Porto: Afrontamentos, 1991. (Coleção História das Mulheres no Ocidente, v. 3).

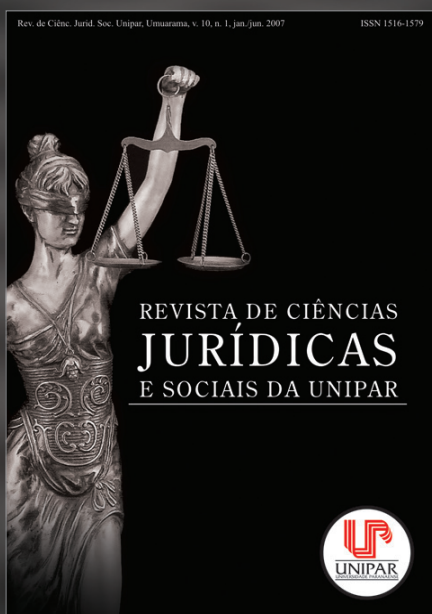
LIPPMANN. Estereótipos. In: ROSENBERG, B. (Org.). **Cultura de massa**. São Paulo: Cultrix, 1973.

PERROT, M. **Os excluídos**: operários, mulheres, prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

SOHN, A.; M. Entre duas guerras. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres**: o século XX. Porto: Afrontamentos, 1991. (Coleção Histó-

REVISTA DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E SOCIAIS DA UNIPAR

ISSN 1516-1579



- **Publica trabalhos referentes à área de Direito e Ciências Correlatas.**
- **Periodicidade: Semestral**
- **e-mail: rcjuridica@unipar.br
<http://revistas.unipar.br/juridica>**

O CONHECIMENTO NÃO É NADA SE NÃO FOR COMPARTILHADO

